

## REINVENTANDO O ANTIGO: JOHN RUSKIN E O ORNAMENTO ASSÍRIO<sup>1</sup>

Marina Bianchi Guaragni<sup>2</sup>, Alice de Oliveira Viana<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Vinculado ao projeto “O ornamento no século XIX: o antigo e os usos do passado.”

<sup>2</sup> Acadêmico (a) do Curso de Arquitetura e Urbanismo – CERES – Bolsista PIBIC (PIVIC/UDESC).

<sup>3</sup> Orientador, Departamento de Arquitetura e Urbanismo – CERES – alice.viana@udesc.br.

John Ruskin, um dos maiores críticos de arte da era vitoriana, produziu uma vasta obra literária que, além de ilustrar seu pensamento sobre teoria da arte, ao fazê-lo, delineia ao mesmo tempo seu posicionamento sobre a história, sobre o passado da arte. Em *The Stones of Venice*, uma das suas mais célebres obras, publicada em três volumes em 1851 e 1853, apesar de seu aspecto desordenado, nota-se claramente um uso do passado como estratégia discursiva para legitimar seu pensamento teórico sobre as artes.

Isto é notadamente percebido quando se observa sua teorização sobre o ornamento, um dos principais temas de suas reflexões. A mobilização teórica do autor em torno da questão do ornamento envolve uma preocupação central à época vitoriana, a da qualidade expressiva da arquitetura e dos artefatos industriais, que Ruskin aborda a partir das relações entre arte e trabalho.

Apesar dessas questões comparecerem ao longo de toda a obra, é no primeiro volume de *The Stones of Venice*, que o tema do ornamento é tratado de modo mais explícito, particularmente nos capítulos *The treatment of ornament* e *The material of ornament*. Ali, além de apresentar quais seriam os temas mais nobres para servirem como ornamentação e o modo mais adequado de tratar e apresentar a obra decorativa, Ruskin define o que ele chama de três “ordens de ornamento”: o servil, o constitucional e o revolucionário. Tais categorias são classificadas de acordo com “graus de correspondência entre a mente executiva e a mente inventiva” e referir-se-iam, respectivamente, à ornamentação dos povos antigos - gregos, assírios e egípcios -, da época medieval e da renascentista. Nesta ordenação, o ornamento dos povos antigos, para o autor, expressaria as mais inferiores relações de trabalho artístico, equiparadas às da época contemporânea, em que os trabalhadores são menosprezados em sua capacidade pensante, servindo apenas como ferramentas para alcançar virtuosismo técnico.

Haja vista as particularidades e a originalidade do pensamento ruskiniano, grande parte de seu discurso, sobretudo no que se refere aos povos antigos e orientais, reflete os preconceitos da era vitoriana. A época que o autor constrói seu texto é quase contemporânea a um fato de extrema relevância para a história da arte e que muito movimentou a sociedade britânica: as descobertas dos remanescentes arqueológicos assírios e seu posterior acolhimento nas dependências do British Museum. O presente trabalho argumenta que a recepção destes artefatos – apesar de bastante contraditória, impregnada de relações de poder envolvendo o olhar sobre o “outro” – em grande medida contribuiu para moldar o discurso de Ruskin sobre a cultura assíria e suas expressões artísticas, fato que será justificado pelo exame de seu discurso teórico sobre os exemplos da ornamentação desse povo.

**Palavras-chave:** Ornamento; Artes; Trabalho; Discurso; Assírios.